

CLASSES SOCIAIS

NOVA SOCIEDADE

AS CARAS QUE

NOS REPRESENTAM

Estudo traz um retrato dos perfis de brasileiros em 11 grupos

▄ **BEATRIZ SEIXAS**
bseixas@redgazeta.com.br

Dividir a sociedade apenas por classes econômicas é simplificar demais algo que não tem nada de simples: a população brasileira. Com 202 milhões de habitantes distribuídos em 8,5 milhões de quilô-

metros quadrados, agrupar as pessoas pelo dinheiro que ganham e rotulá-las como classes alta, média ou baixa é fechar os olhos para características que dizem muito mais sobre um povo, como seus hábitos, perfis de consumo, escolaridade, regiões onde

moram e estilo de vida.

E é justamente essa análise que a Serasa Experian aborda em estudo inédito, o Mosaic Brasil, que traz um verdadeiro retrato da sociedade ao dividir a população em 11 grupos, do A ao K, cada qual com uma denominação.

O gerente de produto da área de Marketing Services da Serasa Experian, Thomas King, explica que a população vem sofrendo transformações significativas nos âmbitos social, econômico, político e de consumo. Portanto, a pesquisa ajuda as iniciativas

pública e privada a adotar estratégias e desenvolver produtos e serviços que atendam a real necessidade de seus respectivos públicos.

Nesse contexto ele destaca dois grupos: o H — Massa Trabalhadora Urbana, que tem maior re-

presentatividade no Espírito Santo, com 20,6% — e o D — Jovens Adultos da Periferia, com 17,2% de participação. “São pessoas que ganham cada vez mais importância na sociedade, seja pela capacidade de gerar opiniões e influenciar os ambientes

GRUPO I - MORADORES DE ÁREAS EMPOBRECIDAS

CARLOS ALBERTO SILVA



▄ De bem com a vida, a auxiliar de serviços gerais e cuidadora de idosos Luciene de Alvarenga Roque, 42 anos, anda pelo bairro em que cresceu, o Morro do Romão, cumprimentando a todos e estampando um sorriso que vai de uma orelha à outra. Mas se engana quem acha que a mãe de cinco filhos - com idades entre 13 e 27 anos - sempre teve motivos pa-

**LUCIENE ROQUE,
CUIDADORA
DE IDOSOS
42 ANOS**

ra comemorar. Casada há quase 30 anos, ela compra a casa que tem hoje com a que começou a vida. “Morava em um bar-

raco de dois cômodos. Agora tenho minha casa com três quartos, duas salas, dois banheiros, área de serviço. Vivo em um palácio”, festeja ao mostrar a bela vista que tem para a Terceira Ponte e Convento da Penha. Apesar do maior acesso a bens de consumo como computador, TV e móveis, ela reclama que a saúde ainda é muito precária.

GRUPO B - EXPERIENTES URBANOS DE VIDA CONFORTÁVEL

CARLOS ALBERTO SILVA



▄ Há cinco anos, desde que se aposentou, a administradora de empresas Luiza de Marilak Felix, 64 anos, aproveita o tempo livre para usufruir da vida. Faz ginástica todos os dias, anda de bicicleta, lê muitos livros, vê filmes e adora viajar. Ela, que mora há 32 anos em Jardim da Penha, Vitória, reconhece que sempre teve uma

**LUIZA DE
MARILAK,
APOSENTADA
64 ANOS**

vida estável e se diz uma privilegiada. “Se minha vida melhorar, vira festa”, brinca. Luiza é divorciada, tem

uma filha e mora sozinha. Mas garante que não é solitária, apenas cultiva sua independência. Diferente da maioria das pessoas que faz parte do grupo experientes urbanos, a aposentada frisa não ser conservadora. Mas diz que compartilha de valores como educação e laços familiares, ambos característicos nessa segmentação.

onde vivem, pela contribuição que dão para a manutenção do lar ou por estarem cada vez mais antenados e conectados ao que acontece no mundo”.

DADOS

Para chegar ao raio-x do brasileiro, King esclarece que foram analisadas mais de 400 variáveis baseadas em dados e pesquisas da própria Serasa; Censo e Pnad, do IBGE; e estatísticas de institutos conceituados do país. “A partir do cruzamento de todas essas informações foram interpretadas as características predominantes que resultaram em 11 perfis que melhor explicam a foto atual da população”, explicou.

“Essa é uma tendência. Muitos estudiosos já enxergam que avaliar só a renda não caracteriza muita coisa. É preciso buscar outros aspectos para determinar o perfil da sociedade”, complementa o cientista social e professor universitário Joilton Rosa.

Para ele, entender a pluralidade do país significa também compreender os fenômenos que ocorrem para,

a partir daí, realizar ações e políticas públicas capazes de melhorar ou equilibrar a vida nos meios sociais. “Sempre faço a comparação com exames clínicos. Quanto mais você conhece o problema, mais condições terá para enfrentá-lo.”

PERSONAGENS

Para traduzir melhor quem são as pessoas que formam esses grupos, a reportagem de A GAZETA foi em busca de moradores do Estado que topassem dividir suas histórias e expectativas de vida.

Da página 38 à 41 você vai encontrar personagens como dona Olga e seu Dorival, o motorista Uiliam, os aposentados Djalma e Luiza, os jovens Daniel e Rafaella e os empresários Edson e Maria. Além de famílias como de Luciene, Mychelle e Hélio, que acreditam que o esforço e o trabalho que têm se dedicado nos últimos anos são as chaves para crescer na vida e fazer com que as próximas gerações tenham dias melhores.

GRUPO H - MASSA TRABALHADORA URBANA

CARLOS ALBERTO SILVA



DORIVAL E OLGA MAJEVSKI, COMERCIANTES

▄ Não ter banheiro em casa e andar mais de 20 minutos na madrugada para buscar água são situações que ficaram apenas na lembrança dos comerciantes Dorival Majeovski, 62 anos, e Olga de Almeida Ma-

jevski, 56. Casados há 42 anos e moradores por mais de três décadas do Morro do Romão, eles contam que foram a terceira família a ter casa no bairro. “Casa não, um barraquinho que não tinha água nem luz”, lembra dona Olga. A vida do

casal sempre foi de muita luta. Desde os 11 anos a capixaba - que confessa nunca ter gostado de estudar - trabalha, a maioria do tempo como doméstica e cozinheira. Seu Dorival também não teve outra alternativa senão encarar a labuta. Desde novo fez serviços como pedreiro, jardineiro e alguns bicos que o ajudaram aos poucos a estruturar sua família, formada ainda por dois filhos, um neto e um sobrinho, que dividem a casa com o casal. Os parceiros, que são de Domingos Martins, comemoram os últimos anos de bonança na família. “Temos tudo. Alimento, itens de casa, televisão, computador e até internet. Já sofremos muito, mas hoje estamos no céu. Muito chiques!”, se orgulha Olga, que diariamente não abre mão de ouvir pela manhã seu programa favorito no rádio.

GRUPO D - JOVENS DA PERIFERIA

CARLOS ALBERTO SILVA



RAFAELLA GOMES E FILHA MICAELLA, CABELEIREIRA

▄ Rafaella Gomes tem 28 anos e mora no Bairro da Penha, periferia de Vitória. Há oito anos precisou abandonar os estudos, quando engravidou de Micaella. Dois anos depois teve Pedro Rafael, segundo filho, com um ex-namorado. Apesar do pai das crianças ajudar quando pode, ele e Rafaella não chegaram a casar ou morar juntos e é a cabeleireira quem arca com praticamente todas as despesas da família. A jovem é especialista em cachos e sonha com o dia em que irá deixar a informalidade para abrir o próprio salão de beleza. Por não ter carteira assinada, Rafaella diz que controlar as

contas fica ainda mais difícil, principalmente depois que passou a ter mais acesso ao crédito. Nessa hora, apenas com um olhar tímido, mas repreensivo, a pequena Micaella entrega a mãe.

“De fato sou bem consumista e estou até inadimplente. A Micaella puxa a minha orelha”, admite a cabeleireira bem-humorada ao prometer para a filha que vai economizar mais.

GRUPO G - DONOS DE NEGÓCIO

CARLOS ALBERTO SILVA



EDSON BORGES MARTINS, EMPRESÁRIO 37 ANOS

▄ Durante três anos a rotina do empresário Edson Borges Martins, 37 anos, foi de muito trabalho e renúncia. Para realizar o sonho de ter o negócio próprio, se desdobrou entre a atividade de técnico em metalúrgica em uma grande empresa do setor e o investimento e administração no restaurante japonês Katsumi, aberto em 2010 no Bairro República, em Vitória. Folga nesse período foi artigo de luxo, mas, conforme o empreendimento foi mostrando resultados, ele viu que era possível largar o emprego de carteira assinada para se dedicar exclusivamente ao negócio. Logo em seguida, sua mulher, Larissa Varanda Dadalto, 36 anos, virou sócia e hoje cuida da parte financeira. O casal, que mora em Jardim Camburi, tem uma filha de 3 anos, a Maria Júlia, e aguardam a chegada de mais um menino na família, a Antônia. Embora as coisas estejam in-

do bem, Edson diz, esperar que o cenário torne-se mais favorável para os pequenos e médios empreendedores “que ainda são muito penalizados com impostos”.

CLASSES SOCIAIS

GRUPO J - HABITANTES DE ZONAS PRECÁRIAS

FERNANDO MADEIRA



Diariamente a família do motorista de caminhão Uilliam Carvalho Dias, de 28 anos, convive com o abandono do poder público no bairro Retiro Saudoso, em Cariacica. A falta de infraestrutura, como rua sem calçamento e ausência de saneamento básico, torna a rotina da casa mais difícil. Com um valão a céu aberto a cerca de 30 metros da casa, é preciso proibir os filhos Arthur (8 anos), Ana Lui-

UILLIAM DIAS E FAMÍLIA, MOTORISTA DE CAMINHÃO

za (5) e André (3) de brincarem na rua, que ora é só poeira e ora é pura lama. Aliás, a preocupação da família é ainda maior quando chove. “Precisei fazer uma va-

leta atrás da casa para evitar que água tome conta”, diz Uilliam que é casado com Elizângela Ferreira, 30. A precariedade na região dificulta até mesmo chegar em casa. Na última semana, Elizângela caiu do barranco e quebrou o pé. Mesmo com essa realidade, Uilliam frisa que a família vem superando os desafios e que se esforça para, por meio do trabalho, oferecer um futuro melhor para as crianças.

GRUPO K - HABITANTES DAS ÁREAS RURAIS

CARLOS ALBERTO SILVA



HÉLIO E FAMÍLIA, PRODUTORES RURAIS

Antes mesmo do galo cantar, o produtor rural Hélio Vieira, 35 anos, está de pé. Às 3h30 da madrugada ele dá início às atividades na fazenda em que trabalha, na área rural de Muribeca, Serra. Quando o sol aparece, aí é a vez da mulher Cristiane, 25, e dos filhos Hélio (13), Robson (11) e Oséias (7) iniciarem o dia e ajudarem nas tarefas da roça, que garantem uma renda mensal à família de

cerca de R\$ 900. Com o dinheiro não dá para fazer extravagâncias, mas Hélio conta que a situação tornou-se um pouco mais confortável nos últimos anos e seu sonho

é terminar de construir sua casa. Dedicado à vida no campo desde a infância, ele - que é baiano - diz gostar muito do que faz. “Tirar leite pra mim é um hobby”. Mas, mesmo tendo orgulho do seu trabalho, quer outro futuro para os filhos. “Eu brigo com os meninos para estudarem e não seguirem o meu caminho, que não recebe muito valor. Se Deus quiser vão trilhar rumos melhores.”

GRUPO C - JUVENTUDE TRABALHADORA URBANA



FERNANDO MADEIRA

DANIEL OLIVEIRA, ANALISTA DE REDE SOCIAL

O analista de rede social Daniel Oliveira, de 24 anos, está sempre antenado no que acontece no mundo. Com o smartphone 24 horas por dia à mão, ele diz que adora tecnologia, vive conectado à internet, faz questão de estar com os amigos e viajar. O jovem, que mora com o irmão no bairro Laranjeiras, na Serra, conta que cresceu podendo desfrutar de boas oportunidades, mas que quer ir mais longe.

Para isso, os últimos três anos foram de muito trabalho em agências de publicidade, que serviram para dar experiência na carreira e ajudaram a juntar dinheiro para fa-

zer um intercâmbio para os Estados Unidos. Em dezembro, ele irá para Washington, onde ficará por seis meses. “Quero buscar experiência no exterior e me tornar fluente no idioma inglês. Acredito que isso irá contribuir para o meu futuro”, vislumbra Daniel que, assim como a maioria das pessoas que fazem parte do grupo juventude trabalhadora urbana, é solteiro e não tem filhos.

RAIO-X DA POPULAÇÃO

Participação ES Participação Brasil



Fonte: Mosaic Brasi, Serasa Experian

GRUPO F - ENVELHECENDO NO SÉCULO XXI

CARLOS ALBERTO SILVA



Até os 16 anos a roça era o ambiente que dominava o dia a dia de seu Djalma, que desde a infância ajudava os pais com a capina, ordenha e colheita na sua cidade natal, Itaguaçu. “Um trabalho no cabo da enxada”, como ele mesmo recorda. Essa realidade foi deixada para trás no final da década de 50, quando seu pai morreu e ele, os irmãos e a mãe se mudaram para Vitória. Mas, apesar da troca de en-

DJALMA GOMES DE CARVALHO, APOSENTADO 73 ANOS

dereço, a vida não se tornou mais fácil. Para sobreviver, trabalhava em uma pedreira, que garantia renda só para gastos com comida e o básico para casa. Ao longo da

vida foi pedreiro, técnico de rádio e auxiliar de serviços gerais. Hoje, aos 73 anos e aposentado, Djalma conta que, mesmo “ganhando uma merreca”, vive bem. “Conquistei coisas que jamais imaginei, como ar-condicionado, TV de 52 polegadas e um carro, que na maioria das vezes fica na garagem. Afinal, prefiro andar de ônibus, porque é de graça”, diz ele, que não abre mão de jogar bocha diariamente.

GRUPO A - ELITES BRASILEIRAS

CARLOS ALBERTO SILVA



Filha de juristas, a capixaba Maria Sanz fez a graduação em Direito seguindo o caminho dos pais. Mas acabou mudando de área para apostar na sua paixão: criar. Foi então que investiu na carreira com uma pós-graduação em design e produção de moda, e fez cursos no exterior em design gráfico, moda e fotografia. Há um ano e meio, a também escritora decidiu con-

MARIA SANZ, DESIGNER E ESCRITORA 34 ANOS

centrar sua energia e criatividade para lançar uma marca de quimonos, a Maria Sanz, que será apresentada nesta semana a grandes nomes da moda em uma

feira de negócios em São Paulo. Com alma de moleca, mas comprometimento de gente grande e foco empresarial mais afinado do que nunca, ela é uma workaholic confessa. “Adoro viajar, mas sempre com a cabeça em projetos ligados ao trabalho”. Além das viagens, Maria revela ser uma consumidora voraz de informação, cultura, tecnologia e boa gastronomia.

GRUPO E - ADULTOS URBANOS ESTABELECIDOS

ACERVO PESSOAL



Mychelle Motta tem 35 anos e nasceu em Caratinga (MG). Mas, veio para o Estado ainda com três meses e foi em Vila Velha que construiu sua vida. Há sete anos se casou com o gerente de produção Evaldo Eliodoro, 39, com quem teve o pequeno Mateus, de seis anos, que em breve ganhará uma irmãzinha, a Melissa. Filha de representante comercial e de dona de casa, a executiva de vendas na

MYCHELLE E FAMÍLIA, EXECUTIVA DE VENDAS

área logística conta que nunca faltou nada em seu lar, mas frisa que a família sempre foi muito pé no chão. “Valorizamos os esforços e o trabalho duro para conquis-

tar nossos sonhos”. Outro valor perseguido por Mychelle é a relação da família. Ela conta que prova disso é a decisão que ela e o marido tomaram em não colocar internet em casa. “Não é que não temos condições, mas preferimos destinar nosso tempo para ficarmos juntos e tornar aquele momento mais produtivo. Afinal, muitas vezes a internet é responsável por isolar as famílias”, justifica.

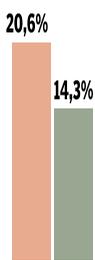
Grupo G Donos de Negócio

Pequenos e médios empreendedores, que vivem confortavelmente. Em geral, são homens entre 25 e 55 anos, casados, que vivem com suas famílias e ganham a vida com um negócio próprio. TV e internet são os meios de comunicação mais acessados por essas pessoas



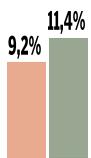
Grupo H Massa Trabalhadora Urbana

Trabalhadores urbanos de baixa renda. Homens e mulheres casados e com filhos, com baixa escolaridade, encontram-se empregados em funções de pouca remuneração e prestígio social. Celulares e internet são bem popularizados, mas tratam-se de serviços mais baratos e de menor qualidade



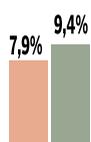
Grupo I Moradores de Áreas Empobrecidas do Sul e Sudeste

Adultos, entre 36 e 70 anos, morando em locais pobres urbanos e do interior. São consumidores com possibilidades restritas, mas que viveram nos últimos anos melhora significativa no consumo e acesso a bens. Apesar das condições financeiras mais restritas, o uso de aparelho celular é bastante difundido



Grupo K Habitantes das Áreas Rurais

Moradores das áreas rurais, em geral com idade média de 50 anos, casados e com filhos. Vivem do cultivo da terra. Conservadores do ponto de vista financeiro e com renda restrita, têm resistência ao uso do crédito. Enfrentam dificuldade de acesso a serviços de saúde pública e educação em comparação com os habitantes das áreas urbanas



Grupo J Habitantes de Zonas Precárias

Adultos (jovens e maduros) dos 25 aos 70 anos, pobres que vivem com baixíssima renda e acesso a bens e serviços. Em geral, vivem situações de vulnerabilidade social, com altos índices de desemprego e informalidade, baixa escolaridade e renda, muitas vezes restrita ao salário mínimo. Muitos dependem de algum tipo de ajuda governamental para estarem imediatamente acima da linha da pobreza

